

Máquina de atualizar o tempo: usos políticos do passado do sertão no mundo contemporâneo

Time updating machine: Political uses of the Sertão's past in the contemporary world

Vagner Silva Ramos Filho*

<https://orcid.org/0000-0002-1268-7079>

Resumo

Existem passados que são bastante atualizados, sobretudo em contextos de comemoração, quando alguns acontecimentos figuram centralmente em pautas do debate público. A proposta deste texto é refletir sobre usos políticos do passado do sertão em “era da comemoração” no mundo contemporâneo que emerge no final do século XX. A partir da metáfora da comemoração como máquina de atualizar o tempo, a escrita é estruturada em três partes que entrelaçam escalas locais, nacionais e globais. A primeira apresenta marcas de tempos comemorativos no presente, ressaltando aspectos de *eventos, marcos e (des)construções da memória*. A segunda aprofunda reflexão sobre tempos do sertão nordestino brasileiro, com atenção às releituras do tema sensível do cangaço, a fim de destacar traços de *patrimônios culturais reivindicados, dissonantes e contestados*. A terceira analisa estes tempos propensos às reavaliações em cenário específico, pautando situações de *convergências, divergências e (con)fusões da memória*. Com base em discussões pertinentes para a história do tempo presente, a contribuição epistêmica do trabalho é suscitar questões que dão a ver distintos mecanismos para lidar com o passado no presente. Daí surgem notas sobre o valor heurístico que elas podem ter para a pesquisa histórica.

Palavras-chave: Tempo Presente; Usos do Passado; Sertão; Comemoração; Patrimônio.

Abstract

There are very updated pasts, especially in commemoration contexts, when some events figure centrally in public debate agendas. The purpose of this study is to reflect upon the political uses of the “Sertão’s” past in the contemporary world during the “era of commemoration” that emerged at the end of the

*Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 19/23503-4). E-mail: wagner.ramosf@gmail.com

20th century. Based on the metaphor of commemoration as a time updating machine, the discussion is structured in three parts interlacing local, national, and global scales. The first one presents marks of commemoration times in the present, highlighting *events*, *milestones*, and *(de)constructions of memory*. The second one deepens the reflection on periods of the northeastern “Sertão” in Brazil, focusing on reinterpretations of the sensitive theme “Cangaço” to highlight features of *claimed*, *dissonant* and *contested cultural heritage*. Finally, the third part analyzes times that are prone to revaluations in a specific scenario, addressing situations of *convergence*, *divergence*, and *(con)fusions* of memory. Based on debates relevant to the history of the present time, this work’s epistemic contribution consists of raising questions that reveal different mechanisms to deal with the past in the present. From this, notes on the heuristic value that these questions can have for historical research are revealed.

Keywords: Present Time; Uses of the Past; Sertão; Commemoration; Heritage.

Falando do passado no presente

O recurso às metáforas para falar sobre o tempo é uma prática razoavelmente conhecida. Uma das suas “vantagens é que podem remeter a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente”.¹ Diante da condição de passados que se recusam a passar na sociedade e sua “recordação impõe-se como imperativo de ordem política”, a metáfora da comemoração como máquina de atualizar o tempo parece eficaz em vários sentidos.² Nesse texto, é evocada como problema historiográfico por meio do qual analiso usos do passado do sertão, enquanto “território privilegiado da imaginação social brasileira”, em era da comemoração no mundo contemporâneo.³ Colabora para interperlar a “diversidade de mecanismos para lidar com o passado e a forma como tais

¹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 9.

² A metáfora é baseada na combinação de importantes referências para o trabalho: GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. *O presente do passado: as artes de Clío em tempos de memória*. In: ABREU, Marta; SOHIET, Raquel; GONTIJO, Rebeca. **Cultura política e leituras do passado**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 27; Cf. CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012; Cf. ARAÚJO, Valdeci; PEREIRA, Mateus. **Atualismo**: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória: Milfontes; Mariana: SBTHH 2019.

³ SÁ, Maria Elisa Noronha. *O sertão: território da imaginação social do Brasil*. BOTELHO, André; STARLING, Heloisa. **República e Democracia**: impasses do Brasil Contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG, 2017, p. 299.

mecanismos são incorporados, interagem com, e até constituem parcialmente contextos culturais, sociais e políticos mais amplos”.⁴

A menção aos sertões contemporâneos não é igualmente um “mero gesto de “descrição ou constatação, é, em si mesmo, um gesto de contestação, de problematização, de questionamento dos modos de definir, descrever, dizer e fazer ver o sertão”.⁵ O ato é significativo, pois o sertão não é apenas “um lugar, mas uma condição atribuída ao lugar”, cujo significado depende do relacionamento entre as coisas no mundo – pessoas, objetos e eventos, realidade ou imaginário”.⁶ Trata-se de postura integrada em renovação de produção de conhecimento entre “velhas e novas epistemologias que não só falam sobre o sertão, mas também com o sertão e desde o sertão”.⁷

Apesar da pluralidade dos sertões, a sua figuração costuma variar entre um problema a ser resolvido, uma tópica da nacionalidade e um cenário de in-justiças variadas. Nesse aspecto, experiências vinculadas ao campesinato, à religiosidade e ao banditismo, situadas sobretudo em processos que remontam conjunturalmente a virada do século XIX para o XX, transformaram-se em temas recorrentes na arena pública referente ao trato do Estado com as tensões entre os cenários urbanos e rurais, em que qualificações do que seria arcaico e/ou moderno são constantes. Talvez por isso alguns passados tenham se tornado tão presentes.

O sertão da região nordestina, especialmente, é abordado a partir de uma recorrência discursiva de que teria uma natureza e cultura particular, ou, dito de outro modo, uma espacialidade e temporalidade singular, no âmbito da nação brasileira.⁸ Não por acaso, as fronteiras da identidade nordestina são aglutinadas por assuntos sensíveis à opinião pública, como a seca, o mesianismo e o cangaço. Por isso, a importância de “buscar recortes da história das representações do sertão que revelem historicidades em disputa, nas conjunturas políticas e memoriais que modificaram significados e sentidos, reinventando-os”.⁹ Uma das formas pode ser enfrentando o “paradoxo de

⁴ BEVERNAGE, Berber. **Caminhos para a Teoria da História**: filosofia das historicidades e a questão da justiça histórica. Vitória: Milfontes, 2020, p. 14-15.

⁵ ALBUQUERQUE Jr, Durval M. *Distante e/ou do instante: sertões contemporâneos, as antinomias de um enunciado*. In: FREIRE, Alberto (org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: Edufba, 2014, p. 43.

⁶ ARAÚJO SÁ, Antônio F. **Entre Sertões e Representações**. São Paulo: Liberars, 2020, p. 13 e 14.

⁷ Cf. SANTOS, Evandro. *Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias*. **Sæculum**, p. 441-452, 2019.

⁸ Cf. ALBUQUERQUE Jr., Durval M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

⁹ ARAÚJO SÁ, Antônio F. *Op. cit.*, p. 24.

que estes temas abordados recorrentemente em perspectiva nacional/local estão, do ponto de vista de sua historicidade, inseridos em redes transnacionais e/ou globais”.¹⁰

Dentre os múltiplos temas do sertão, o passado do cangaço é, definitivamente, um dos mais mobilizados.¹¹ O tema remete ao fenômeno de banditismo nos sertões do Nordeste brasileiro vivenciado entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como o cangaceiro Lampião, é considerado o “Rei do Cangaço”. O período em que atuou como líder principal, nos anos 1920 e 1930, até sua morte, é chamado de “Ciclo Lampião”. Embora o cangaço tenha acabado há décadas, sua memória foi trabalhada, manipulada e abusada com vários interesses, de forma que ultrapassou em muito as fronteiras do sertão nordestino em termos de circulação, presença e releituras contemporâneas. Em torno dela, as representações dos cangaceiros, principalmente de Lampião, podem variar ao extremo entre as facetas de “bandidos”, “facínoras”, “reacionários”, “rústicos” e “viris” até “heróis”, “valentes”, “revolucionários”, “instruídos” e “afeminados”.

O caso é paradigmático para formas de história do tempo presente empenhadas em analisar “um passado atual, ou melhor, um passado em permanente processo de atualização e que, portanto, intervém nas projeções de futuro elaboradas por sujeitos e comunidades”.¹² Em meio aos dilemas que marcam a “cultura histórica contemporânea”, é valioso notar como “o passado transforma-se em memória coletiva depois de ter sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente”.¹³ Em torno desses usos, há muito a ser debatido. A percepção de que a dimensão política da memória tensiona a maneira de pensar, escrever e difundir a história tem sido uma das mais pautadas.

¹⁰ SANTOS, Pedro Afonso C.; NICODEMO, Thiago; PEREIRA, Matheus Henrique. *Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 60, p. 163, 2017.

¹¹ Para uma leitura panorâmica do tema, indico: WIESEBRON, Marianne L. *Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre o banditismo a nível nacional e internacional*. In: *Ciência & Trópico*, Recife, vol. 24, n. 2, p. 417-444, 1996.

¹² FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencio (Org.). *Historia reciente: perspectivas y desafíos para un campo en construcción*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007, p. 31.

¹³ Ver, respectivamente: BAUER, Caroline S.; NICOLAZZI, Fernando F. *O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea*. *Varia Historia*, v. 32, p. 807-835, 2016; TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*. Lisboa: Unipop, 2012, p. 10.

A partir dessas premissas fundamentais ao conhecimento histórico, o texto é desenvolvido em três partes que se entrecruzam em jogos de escalas no debate público, o qual interpreto por meio da grande imprensa, observando “ângulos diversos de algumas realidades frequentemente contraditórias”.¹⁴ De início, em tempos de rememoração, reflito sobre a profusão de interesse do passado, destacando aspectos de eventos, marcos e (des)construções da memória. Posteriormente, nos tempos de sertão contemporâneo, abordo distintos usos do passado, com enfoque em releituras do tema sensível do cangaço, pautando traços de patrimônios culturais reivindicados, dissonantes e contestados. Por fim, em tempos de reavaliação, aprofundo alguns sentidos do passado em cena, ressaltando situações de convergências, divergências e (con)fusões da memória. A ideia é que com o recurso à metáfora que intitula o trabalho despontem notas válidas para pesquisas históricas que se defrontam com questões que atravessam essa investigação.

Tempos de rememoração: eventos, marcos e (des)construções da memória

Há quem diga que só comemoramos o que consideramos significativo. Em sentido etimológico, a palavra comemoração advém do latim “commemoratione”, uma junção da raiz “comes”, designadora de companheiro, com a declinação do verbo “memorare”, que exprime trazer à memória, isto é, fazer recordar ou lembrar. Significa formular que a comemoração se trata de uma rememoração coletiva, destinada à lembrança e sujeita ao esquecimento, caracterizada singularmente pela insuflação de vínculos simbólicos entre as pessoas. Mesmo que o significado semântico seja esse, os seus atributos afluentes variaram ao longo do tempo.

Historicamente, o ato de comemorar é a princípio religioso, uma forma de trazer a presença invisível daquele que não se deverá nunca parar de lembrar e imitar. Em perspectiva diferenciada, “os rituais comemorativos monárquicos desejavam insistir na continuidade memorial de qualidade ligada ao rei, enquanto os revolucionários e republicanos dirigiam-se aos valores nacionais, republicanos e laicos”.¹⁵ Foi no final do século XIX e início do século XX, quando a própria prática de comemorar centenário é inventada, que o dito “comemoracionismo” ganhou vazão. Trata-se de rito baseado na ideia

¹⁴ ROSENAL, Paul-André. *Construir o 'macro' pelo 'micro'*. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 151.

¹⁵ HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 183.

evolutiva e continuísta de tempo que, ao destacar grandes acontecimentos e eleger panteão de heróis, procurava enaltecer figuras modelares que cumprissem a função cívico-pedagógica de simbolizar a nação.

No terço final do século XX, há uma série de fatores que possibilitam a condição sócio-histórica de instauração do que se costumou chamar de “era das comemorações” no mundo ocidental contemporâneo.¹⁶ Nessa conjuntura, há variação de um “futuro presente” por um “passado presente” nas formas de vivenciar o tempo. Certamente, é decorrente de uma guinada memorial que “elevou-se na década de 1970, ganhou força na década de 1980 e atingiu proporções inflacionárias na década de 1990”.¹⁷ Esse *boom* de interesse pelo passado envolve, minimamente, os seguintes vetores: descentralização de representações estatais na produção de memória; expansão dos suportes mnemônicos com avanço da tecnologia da informação; direito à memória como instrumento de luta por poder na cena pública; dever de memória como forma de extrair lição de experiências dolorosas; interesse do público associado ao aumento de capital cultural; e ao consumo da memória ligado à fetichização de produtos históricos.¹⁸

Nesse itinerário, houve uma “inversão da dinâmica da comemoração”, quando comparamos ao paradigma tradicional. A comemoração nacionalista, modelo clássico “que contava com um promotor privilegiado (o Estado) e uma dada narrativa histórica (‘épica, combativa, orientada’), perdeu espaço para uma comemoração “metamorfoseada”, padrão remodelado nutrido “não pela imagem unitária da Nação, mas pela multiplicidade de identidades de grupos particulares, que se desdobravam na diversidade de eventos dos mais variados matizes e perfis, sem que houvesse critério ordenador e hierarquizador”.¹⁹

Em dimensões transnacionais, o caso mais difundido dessas batalhas de memória ocorreu em torno das comemorações ao bicentenário da Revolução Francesa (1989), mas também é possível incluir nesse espectro o anterior

¹⁶ A expressão foi usada inicialmente por Pierre Nora para se referir à inflação comemorativa na França e, aos poucos, foi sendo usada para designar outros contextos. A inflexão dessa discussão na historiografia deve-se ao autor, responsável pela obra “Les lieux de mémoire”, por ele dirigida e originalmente publicada entre 1984 e 1992. Ver: NORA, Pierre. **Pierre Nora em Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

¹⁷ HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. 1a ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 195.

¹⁸ Cf. WINTER, Jay. *A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.

¹⁹ NORA, 2008, p. 175 *apud* GONÇALVES, Janice. *Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural*. **Historiae**, Rio Grande, v.3, n.3, p. 27-28, 2012.

bicentenário da “independência dos Estados Unidos da América” (1976) e o posterior “quicentenário da descoberta da América” (1992). Nas comemorações brasileiras, a dinâmica invertida faz todo sentido. A assertiva teria ressoado na década de 1980, durante as comemorações aos centenários da Abolição da Escravidão (1988) e da Proclamação da República (1989), bem como na década de 1990, quando as comemorações ao tricentenário de morte de Zumbi dos Palmares (1995), aos centenários da Guerra de Canudos (1993-1997) e ao centenário de nascimento de Lampião (1997-1998) “contribuíram com a emergência de discursos antes marginalizados no contexto da história oficial”.²⁰

No Brasil, há um contraste que evidencia essas batalhas simbólicas de forma intensa. Referimo-nos, por um lado, a criação do “Grito dos Excluídos” (1994), que passou a ser realizado anualmente no dia das comemorações à “independência do Brasil”, a fim de “superar o patriotismo passivo em vista de uma cidadania ativa e de participação, colaborando na construção de uma nova sociedade justa” e, por outro, as comemorações ao “500 anos de Descobrimento do Brasil” (2000), que, diante do falso consenso de “paraíso tropical motivo de orgulho nacional” que alardeava, foi marcado pelos “não ditos” da “face obscura da história nacional” - extermínio de índigenas, negros, trabalhadores sem-terra etc. -, ocasionando movimento de contraponto à memória oficial conhecido como “Brasil: outros 500”.²¹

Sobre os sentidos da efeméride, é importante notar como são reveladoras dos acordos e conflitos da sociedade que comemora. “A dupla abertura do presente da comemoração para o passado e para o futuro oferece ao/a historiador/a uma linguagem que lhe é familiar”.²² Afinal, “ela não existe sem reminiscência, repetição do passado, frequentemente anual, em que traz consigo uma memória que é tentador considerar como tal”; “prenúncio do futuro, ela também suscita uma simulação do futuro que o historiador tem a boa fortuna de poder comparar com o futuro real”.²³ Essa experiência da

²⁰ ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando. **O Cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2011, p. 30.

²¹ Sobre a história do Grito dos/as Excluídos/as, ver seu website. Disponível em: <<http://www.gritodosexcluidos.com/historia/>>. Acesso em: 15 jan. 2022. Em torno do assunto, ver: RODRIGUES DA SILVA, Helenice. ‘Rememoração’ / ‘Comemoração’: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 433-434, 2002.

²² A partir de um aparato conceitual para analisar festividades, Mona Ozouf realizou tal comentário em reflexão sobre práticas comemorativas como objeto de estudo da história: OZOUF, Mona. *A festa Sob a Revolução Francesa*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 217.

²³ *Idem*.

fronteiriça conjuntura comemorativa parece instaurar um tempo em suspensão entre o passado e o futuro propenso à reflexão, revisão e crítica em torno do que se comemora. A ruminação tende a aflorar em viradas de século, já que parece “existir uma relação intrínseca entre o advento de uma nova centúria e a redescoberta da temática do tempo”.²⁴ A prática de escolher personalidades do século nesses intervalos é um dos seus indicativos.

Foi justamente nesse cenário, impulsionado pelo período de redemocratização política brasileira, que se assistiu à emergência de memórias marginalizadas da cena oficial, como a indígena, a afro-brasileira e a sertaneja, costumeiramente em contraponto aos marcos de narrativas oficiais hegemônicas. Sobre os usos do passado em torno de fenômenos do sertão, há um fortalecimento de movimentos que revisitam dimensões de suas memórias questionando estigmas, descasos, censuras, exclusões e silêncios que consideram ter sido historicamente impostos, em meio às redefinições de seu lugar na temporalidade local, regional e nacional.

Nesse curso, o conceito de sertão elaborado como “um espaço de anarquia marcado pela dissonância com o tempo da cidade, do litoral, do progresso, da contemporaneidade” foi tensionado, discutido e alargado, pois a acepção tradicional não possibilitava “falar das mutações históricas, econômicas, tecnológicas, sociais, políticas e culturais pelas quais passava”.²⁵ Particularmente, as revisões sobre os sentidos de sertões nordestinos brasileiros sinalizaram para os debates que, em desacordo às “imagens estereotipadas, rotineiras, naturalizadas, repetitivas e clichês que cercam o sertão”, enunciavam sua pluralidade.²⁶

Diante de traços dessa cultura histórica, a profusão de interesses em acontecimentos do passado fez com que variados mecanismos de atualizar o tempo fossem acionados. Com base no que foi apresentado, é fundamental compreender que o “acontecimento é o que ele se torna”, quer dizer, ao deixar “múltiplos vestígios, ele volta constantemente, com sua presença espectral, para brincar com acontecimentos subsequentes, provocando configurações sempre inéditas”.²⁷ Partindo disso, destaco três aspectos centrais para se notar em investigações históricas. O primeiro relaciona-se ao *evento da memória*,

²⁴ PEREIRA, Matheus H. F.; MATA, Sérgio da. *Introdução: transformações da experiência do tempo*. In: VARELLA, Flávia F. (org.). [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 11.

²⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval M., *Distante e/ou do instante...* op. cit, p. 44.

²⁶ *Ibidem*, p. 45.

²⁷ DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 7.

visto como aquele que emerge nessas releituras, demandando identificação das seleções que se fazem entre lembrança e esquecimento na forma como figuram. O segundo diz respeito ao *marco da memória*, entendido como determinada ocasião do presente em que o passado é retomado, pois em torno dele é possível perceber variações de olhares lançados, seja por instituições, grupos ou indivíduos. O terceiro tem relação com à *(des)construção da memória*, tomada como uma maneira de analisar como a situação social, profissional e política em que o discurso é formado vira a condição basilar da sua intervenção.

No debate público, a grande imprensa que se projeta como nacional dá a ver algumas dessas disputas ao informar sobre práticas comemorativas e formar opinião sobre elas, geralmente construindo visão de quais são relevantes e/ou fúteis. O fato de alguns desses periódicos serem caracterizados por “fortes estruturas empresariais, grandes tiragens e visibilidade pública elevada” implica muitas vezes em narrativa com tom sensacionalista.²⁸ De todo modo, é uma porta de entrada interessante para analisar as conjunturas em que estão inseridos, pois, mesmo quando são extremamente superficiais, remetem para outras dimensões do seu tempo, o que pode ser usado em comparação com outras fontes que indicam demais experiências com a lida do passado em efemérides. Uma variação perceptiva respectivamente entre a anunciação e a aversão de atos comemorativos distintos, mas que partiam de temas semelhantes associados aos passados do sertão, pode evidenciar melhor o exposto. Vejamos:

Grande paisagem física e humana do cinema nacional, a aridez do sertão é o destaque das telas de cinema e vídeo do Centro Cultural Banco do Brasil, a partir de hoje. A mostra ‘Sertão: mito e cinema’ vai exibir 30 filmes entre longas, médias e curtas-metragens. (...) O motivo da realização da mostra é nobre. Este ano celebra-se o centenário da Guerra de Canudos, que terminou em 1897, e o nascimento de Virgulino Ferreira, o Lampião. ‘O sertão concentra uma quantidade incrível de mitos brasileiros. Antônio Conselheiro, Lampião, Corisco e até Glauber Rocha, que filmou lá Deus e o diabo na terra do sol, viram mitos’.²⁹

Por que Lampião, o cangaceiro que estuprou, sequestrou e matou gente indefesa, é idolatrado até hoje? Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, é um dos mitos da história brasileira. Para muitos,

²⁸ FARIA CRUZ, Heloisa de & CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. In: **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 268, dez. 2007.

²⁹ BUTCHER, Pedro. *Sertão virou mito e festival de cinema*. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 março de 1997. Caderno B, p. 8.

é uma figura idolatrada – e pode haver aqueles que, no dia 7 de julho, vão festejar o centenário de seu nascimento. Ao preparar o perfil do cangaceiro (...), nossa intenção era mostrar a você a verdadeira face desse personagem legendário. Por isso, fomos atrás dos fatos. E o que encontramos foi terrível. Ninguém gosta de estragar a festa, muito menos a SUPER, mas quando a editora especial (...) começou a apurar a reportagem, acabou descobrindo um homem violento ao extremo, caprichoso e vaidoso como poucos, guiado apenas por seus interesses pessoais. (...). Que fique claro: Lampião não é um exemplo a ser cultivado.³⁰

Apesar de terem sido cenário de barbaridades praticadas por Lampião, duas cidades nordestinas querem erguer estátuas em sua homenagem. E a população aprova. A imagem de herói supera a de facínora. (...) Com o tempo, o mito só cresceu. Este ano serão lançados mais três filmes (Corisco e Dadá, O Cangaceiro e O Baile Perfumado) e uma novela (Mandacaru, na rede Manchete) sobre Lampião. Isso sem falar nos livros. E muitas dessas obras continuam mistificando o bandido como se houvesse glamour em sua biografia.³¹

As narrativas são significativas. No todo, notamos como alguns eventos da memória do sertão são mais recorrentes, por serem sensíveis à mobilização da opinião pública, como é o caso do passado da Guerra de Canudos e do Cangaço, que reaparecem como “mitos brasileiros”. Em particular, um marco da memória que gerou intensa alteração foi o centenário de nascimento de Lampião, suscitando olhares bastante distintos em torno dos sentidos do que seria um “mito da história brasileira”. Ao observarmos como operam as (des)construções da memória, vemos como um sentido imediato projetado à ideia de mito, algo carregado de simbologia, é tratada apenas como “figura idolatrada”, dando a entender que tais usos são da ordem da irracionalidade. Todavia, o certo é que ambas as situações, tanto a vivenciada quanto a descrita, partem de questões políticas do presente que, em reflexões apuradas, podem ser elucidadas.

³⁰ NESTLEHNER, Wanda. *O bandido mais amado do Brasil. Superinteressante*, São Paulo, nº 117, junho de 1997. Capa e Carta ao leitor (*O mito sem compaixão*), p. 1 e 4.

³¹ *Ibidem*, Reportagem (*Cangaceiro idolatrado - Mais mito que verdade*), p. 46.

Tempos do sertão contemporâneo: entre memória, identidade e patrimônio

A noção de contemporâneo, muito longe de ser simplesmente um marco cronológico, constitui-se como ato político que opera sentidos de tempo. Seu enunciado congrega “conjunto de operações que, ao sancionar o que é próprio ou característico do presente, constrói um ‘outro’ excluindo-o diacronicamente ou sincronicamente daquele presente (...)”.³² A consideração realça a importância de se discutir a tópica do sertão pelo viés da tríade “memória, identidade e patrimônio” como reunião de palavras-chave da cultura histórica contemporânea”.³³ Mais particularmente, notando o mnemotropismo em que estão envolvidas, o qual se exprime de muitas maneiras: “comemorações, aniversários, conflitos de memória, paixão genealógica, retrospecto generalizada, busca de origens ou ‘raízes’, gosto pelas biografias e narrativas de vida, reemergência ou invenção de tradições e outras formas ritualizadas da reminiscência”.³⁴

Nesse labirinto do presente, “o passado, mais do que a história, torna-se um objeto de atração (política, afetiva, erótica, escapista) quando não uma obsessão, para uma diversidade de sujeitos, interessados em chegar a um acordo com ele (ou em impedir que exista esse acordo)”.³⁵ Em meio a tantos impulsos para acionar atualizações do tempo, as comemorações contemporâneas situam-se no meio do fogo cruzado entre manutenções de ilusões comunitárias e reivindicações de guerrilhas comemorativas. Daí os muitos usos políticos do passado que variam entre legitimação e conjuração, adesão e exclusão, revitalização e enfraquecimento, permanência e mudança em presentes que se abrem potencialmente ao pretérito e ao porvir.

A abordagem desses tempos em choque do sertão pode ser muito frutífera em diferentes pesquisas. Propor isso não significa inventariar “nem nostalgia do sertão passado, nem adesão acrítica à contemporaneidade destes sertões”, mas aguçar uma construção perceptiva da capacidade de “dialetrizar estas temporalidades”, logo, o instigante é saber ‘explorar a tensão entre estes

³² MUDROVICIC, María Inés. *Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos?* *Artcultura*, v. 20, n. 36, p. 10. 2018.

³³ Cf: NORA, Pierre. *L'ère de la commémoration*. In: _____. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1992a. v.3: *Les France*. No caso de temas sensíveis, ver: POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

³⁴ CANDAU, Jöel. *Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade*. In: *Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n.1, jan/jul, p. 43, 2009.

³⁵ AVILA, Arthur A. *A História no labirinto do presente*. Vitória: Ed. Milfontes, 2021, p. 16 e 17.

diversos tempos que habitam o sertão e fazem com que ele seja sertões”, em função de “pelejas no tempo, sobre o tempo ou apesar do tempo”.³⁶ Se o contemporâneo não significa, portanto, apenas um compartilhar um mesmo tempo, mas também uma intempestividade, um desprendimento e uma inconveniência temporal, o sertão como condição fronteiriça que é encadeada e encandeia noções de espacialidades e temporalidades pode trazer algumas questões instigantes com seus múltiplos estratos.

Na virada do século XX para o XXI, quando a “era das comemorações” dominava o cenário público, os tempos do sertão foram tematizados em diversos momentos. No período das celebrações do “V Centenário do Descobrimento do Brasil” esteve presente de modo direto e indireto em crenças bastante generalizadas, como a de que o “país é um dom de Deus e da Natureza”; é terra de “povo ordeiro”, mesmo quando sofredor; é um “país sem preconceito”, visto que a mestiçagem é exaltada; é um “país acolhedor”, no qual não progride só quem não trabalha; é um “país de contraste regional”, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural.³⁷ Em contraponto a tais usos, que harmonizam sua acepção colonial como “terra ignota”, lugar “vazio” e “vasto” por meio de uma visão idílica, é evidente que o dissenso permeou alguns dos seus sentidos.

As tensões transpareceram na monumental “Mostra do Redescobrimento”. Mesmo que, em seus módulos, a Mostra tenha estabelecido “um campo semântico que simulava uma espécie de eternidade do Brasil, desde o tempo de antes, o mais longínquo, até às obras de anteontem e o que mais vier, em simulação dessa configuração identitária chamada Brasil”.³⁸ O módulo de “Arte Popular”, com curadoria de Emanuel Araújo e Frederico Pernambuco de Mello, chama atenção. Foi nele que a “estética do cangaço” ganhou a cena, em coleção de objetos vistas como expressão do “lado militante da arte popular” e como “patrimônio do grupo do mais famoso rebelde do sertão brasileiro”.³⁹

³⁶ ALBUQUERQUE JR, *op. cit.*, p. 54-55; Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A peleja do tempo nas memórias do Caldeirão*. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 18, n. 21, p. 111-146, 2005.

³⁷ CHAUFÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 7 e 8.

³⁸ SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Entre celebrações e exposições: algumas visibilidades em jogo nos Descobrimentos (1990-2000)*. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 8, p. 69, 2019. Os módulos eram: Arqueologia; Arte: evolução ou revolução; Carta de Pero Vaz de Caminha; Artes Indígenas; Arte Barroca; Arte Moderna; Negro de Corpo e Alma; Arte Afro-Brasileira; Arte Popular; Arte do Século XIX; Imagens do Inconsciente; Arte Contemporânea; e Olhar Distante.

³⁹ AGUILAR, Nelson. (org.). **Mostra Redescobrimento: Arte Popular**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000, p. 33.

A presença de passado sertanejo tão dissonante na grande comemoração é certamente resultante “dos anseios dos novos sujeitos históricos que entraram em cena e forjaram a necessidade de se repensar os silêncios e os ocultamentos, bem como o que deve ser protegido, valorizado e repertoriado”.⁴⁰ As condições históricas que tornam possível essa presença têm relação com a intensa movimentação que ocorria em torno desse passado nas cidades onde os cangaceiros deixaram rastros. Com o incentivo ao direito à memória, dimensão básica da cidadania, uma profusão de memórias subterrâneas, questionadoras em potencial de marcos memoriais oficiais, conquistou força na arena pública, operando simultaneamente uma fragmentação de identidades homogêneas que culminaram na reivindicação de novos patrimônios por grupos sociais que não se reconheciam nas heranças antes instituídas.

Nessa época, isto ocorreu em função sobretudo das comemorações ao centenário de nascimento do cangaceiro Lampião e ao sexagenário de sua morte, quando houve uma avalanche de eventos, simpósios, exposições, matérias jornalísticas, produções acadêmicas, atividades artísticas, festividades populares, novelas, documentários, romances etc. sobre o controverso bandoleiro. Em torno do tema, o misto explosivo de lembrança e esquecimento do assunto é explícito na reivindicação de que “Lampião não é nem bandido, nem herói, é história” e na contestação do que seria a “glorificação”, a “apologia” e o “endeusamento” do cangaço. Com isso, o lugar do tema em temporalidades locais, nacionais e globais era constantemente repensado, fazendo com que diversas representações fossem ao mesmo tempo forjadas, contestadas e negociadas.

Em uma cartografia da memória do cangaço nas cidades do sertão, nota-se como a formação de uma série de “governanças” - união de entidade pública e parceiro privado - que atuaram como “empreendedoras dessa memória”, foi preponderante para gerar projetos, novas ideias e garanti-la como uma questão pública.⁴¹ Grande parte das lutas políticas variavam entre o desejo de legitimar a própria história da cidade, a proposição de novos debates para se extrair lição desse passado controverso e o estímulo às apropriações de cunho turístico. As imagens que circulam com frequência em algumas dessas cidades podem ser aqui destacadas: Serra Talhada (PE) - “Berço de Lampião”; Triunfo

⁴⁰ NOGUEIRA, A. Gilberto R. *O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação*. *Antíteses*, v.7, n.14, Londrina, p. 52, 2014

⁴¹ Cf. HARVEY, David. *Do administrativismo ao empreendedorismo*. In: _____. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005, 163-190; JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI Editores, 2002, p. 49.

(PE) - “Lampião de Triunfo”; Floresta (PE) - “Perseguidores de Lampião”; Poço Redondo (SE) - “Capital do Cangaço”; Piranhas (AL) - “Elogio da traição”; Mossoró (RN) - “Resistência ao cangaço”; Paulo Afonso (BA) - “Terra de Maria Bonita”; Juazeiro do Norte (CE) - “Patente de Capitão”.⁴² Nesses lugares, o passado do cangaço é, muitas vezes, transformado na marca que identifica, ressignifica e vende o sertão nordestino, muito embora existam feridas abertas que não se cicatrizam sem deixar outras marcas.

Em estudo sobre esse passado que não passa, cujo usos do passado do “Rei do Cangaço” ocorrem no presente entre diversas experiências e expectativas, foi significativo perceber igualmente que se pode comentar muito do Lampião injustiçado com propensão a justiceiro, mas não tanto do cangaceiro da parte mal-dita que vivenciou ambientes onde circulavam desejos homoafetivos; que se pode comentar muito do Lampião cruel com alta capacidade estratégica militar permitia-lhe realizar grandes façanhas em combate, mas não tanto do cangaceiro assassino que vitimou muitos indivíduos, pois não conseguiria estar em todos os lugares do sertão ao mesmo tempo; que se pode comentar muito do cangaço enquanto um mito representativo para os nordestinos, mas se costuma proibir sentidos incômodos que alguns dos próprios nordestinos atribuem. Mesmo com todo esse impasse, ou exatamente em função da necessidade de discuti-lo, o tema adquiriu proporção pública ampliada.⁴³

Diante dessas várias tramas de cultura histórica, com usos políticos dos mais variados, muitos mecanismos de atualização do tempo são acionados. Nesse caso, é imprescindível notar o patrimônio cultural como um dispositivo capaz de congregar “semióforos”, quer dizer, sentidos forjados entre memória e história que indicam diferentes “formas de experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem”, enfim, “maneiras de ser no tempo”, em jogos de identidade e alteridade.⁴⁴ Em meio às suas “ressemantizações”, advindas de atribuições de valores distintas, alguns de seus traços merecem atenção ampliada em

⁴² Sobre as “discussões da trajetória do fenômeno e/ou ressignificações da vivência no campo mnemônico, como uma maneira de aprofundar debates sobre as muitas histórias possíveis de serem contadas”, ver: ARAÚJO SÁ, Antônio F.; RAMOS FILHO, Vagner S. (Org.) *Dossiê 80 anos da morte de Lampião: releituras do cangaço*. **Ponta de Lança**: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 12, n. 22, p. 1-4, 2018; CLEMENTE, Marcos Edilson de. **Lampião acesos: o cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009; ARAÚJO SÁ, Antônio F. **O Cangaço nas batalhas...**, *op. cit.*

⁴³ Cf. RAMOS FILHO, Vagner S. “**Século Virgulino**”: o cangaço nas (con)fusões da memória entre comemorações de Lampião no tempo presente. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Utilizo alguns dos resultados da dissertação em outros momentos deste texto, mas que são desenvolvidos centralmente pelas tramas da investigação atual apresentada.

⁴⁴ HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. **Varia Historia**, v. 22, p. 263, 2006.

pesquisas históricas. O primeiro seria o do *patrimônio reivindicado*, entendido como aquele que, ao emergir de vozes alternativas à memória instituída, congrega valorações que se distanciam da definição tradicional de herança cultural. O segundo é o do *patrimônio dissonante*, tomado como aquele que, ao ser atravessado por grande dissenso em torno do seu valor, concentra uma série de disputas quanto às valorações que prevalecem. O terceiro é o do *patrimônio contestado*, designado assim por ser aquele que, ao receber críticas que discordam vitalmente de sua legitimidade como herança, pode ser acusado de encobrir outros legados ditos mais pertinentes.⁴⁵

Em relação ao debate público, a grande imprensa que tem em suas missões institucionais o objetivo de alcançar ampla legitimidade regional acaba se envolvendo em várias dessas disputas, ao formar opinião sobre o que seria legítimo e/ou dissimulado em comemorações. Em muitos periódicos da região nordestina, as questões relativas ao sertão acabam angariando bastante atenção, o que faz com que eles acionem operações narrativas que reescrevem muitos de seus eventos de forma memorável no tempo. Assim, o instigante pode ser notar como os seus respectivos lugares ou ausências em determinadas governanças acarretam na forma como pautam eventos e dão a ver suas intervenções em jogos políticos do seu tempo. A disputa entre dois jornais de um estado nordestino que são, respectivamente, de dentro e de fora de uma governança interessada em determinada pauta comemorativa, cujo passado do cangaço estava em foco, talvez torne tais indicações mais concretas:

(...) “1997 é o ano do centenário de nascimento de um dos mais famosos personagens do imaginário popular: Virgulino Ferreira da Silva. O [jornal] Povo encarta nas suas páginas a arte do verso popular dos cordelistas do Cariri, que relata o mundo imaginário do mito-herói Lampião. Em reconhecimento à herança do cangaço na cultura nordestina, o Grupo J. Macêdo, o jornal O Povo e a Secult trazem de volta seu maior representante no Projeto 100 anos de Lampião. (grifo nosso).⁴⁶

O presidente do O Povo, Demócrito Dummar, explicou a proposta de multiplicação do valor nativo do cordel, por meio do jornal. Ele destacou o mérito do projeto em levar ao público urbano a riqueza da cultura popular expressa nos cordéis. ‘É o localismo acelerando na direção do globalismo, da banca da feira livre para a banca dos jornais, e da banca dos jornais para os microfones

⁴⁵ Para um aprofundamento desses temas, ver. CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (Org.). **Dicionário temático de Patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020.

⁴⁶ *O Povo vai ao encontro da tradição popular*. O Povo, Fortaleza, 31 de agosto 1997. Economia, p. 4E.

do rádio e para o mundo pela Internet’, disse. (...) O secretário da Cultura do Estado, Paulo Linhares, destacou a importância da iniciativa do O Povo [homenagem ao centenário de Lampião] e elogiou o marketing criativo da empresa. (...) ‘Diante dessa globalização e localismo, é valoroso dar espaço para a mensagem dos excluídos’, declarou. (grifo nosso) ⁴⁷

(...) é bom que se diga ao público que 1997 não é o ano do centenário do legendário bandido. Trata-se apenas de uma estratégia de marketing para vender livros e promover cidades com sinais da passagem de Lampião. Enfim, criar um assunto de apelo popular. Até a neta do cangaceiro, Vera Ferreira, sustenta a tese de que seu avô nasceu em 1898, em Serra Talhada, Pernambuco. A prova é o documento de batismo. (grifo nosso) ⁴⁸

As narrativas são sintomáticas. Em geral, vemos como a reivindicação memorial se manifesta nitidamente ao suscitarem um “reconhecimento à herança do cangaço na cultura nordestina”, que também desvela como um jornal local mobiliza a retórica regional com bastante ressonância nacional. Particularmente, a dissonância fica explícita quando, no calor das informações a respeito do centenário de Lampião, alguns tentam legitimar o que seria valorização de “mensagem dos excluídos” - conectado ao mundo até pela internet - e outros sugerem que se trata apenas de “estratégia de marketing”. ⁴⁹ O dilema instiga a entender essas contestações que, embora pareçam ficar somente na polêmica de “data verdadeira ou falsa de seu nascimento”, envolvem situações bem mais sensíveis. Afinal, lida-se com um tipo de herança que habita na tênue fronteira do que é popular ou impopular, do que é da ordem da tradição e da desordem da reinvenção, do que deve permanecer e do que demanda ser rompido. ⁵⁰

Tempos de reavaliação: convergências, divergências e (con) fusões da memória

O debate sobre a percepção da “mutabilidade dos sertões que explicita a diversidade de sua cultura e questiona a ideia de um espaço-tempo marcado

⁴⁷ Aberta exposição sobre cem anos de Lampião. *O Povo*, Fortaleza, 3 de setembro 1997. Últimas, p. 2A.

⁴⁸ Data falsa. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1º de setembro de 1997. Política, comunicado, p. 4.

⁴⁹ Sobre o passado do cangaço no universo digital entre conexões locais e globais, ver: RAMOS FILHO, Vagner S. *Imagens de um passado sensível: formas de memória do cangaço em arquivos públicos, pessoais e digitais. Esboços: histórias em contextos globais*, v. 27, p. 306-328, 2020.

⁵⁰ Cf. NOGUEIRA, A. Gilberto. R.; RAMOS FILHO, Vagner. S. *Patrimônio e Cultura Popular*. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. *Op. cit.*, p. 177-180.

pelo isolamento ontológico do outro” é um dos caminhos para se repensar conexões entre elementos “de permanência da tradição e de devir da modernidade-mundo”.⁵¹ Em discussões sobre “sertanidades”, isso pode significar pautar constantemente quem são as/os “sujeitas/os ausentes de uma historiografia que tradicionalmente não considera aqueles/as em situação de margem que vivem em territorialidades sertanejas”.⁵² Eis uma postura historiográfica relevante “que começa pelo mapeamento de leituras possíveis, já realizadas, mas se encaminha para histórias alternativas, ainda não narradas”.⁵³

Na seara das comemorações, a imponente “Mostra do Redescobrimento” em 2000 é um ambiente fértil para também pensar este assunto. O repertório visual mobilizado para a montagem das suas exposições envolveu escolhas e renúncias diversas, situadas entre “protocolos armados de escrita da história”, “memória disciplinar de história da arte” e “consumo público massivo”, que harmonizaram e/ou tensionaram debate sociais da época.⁵⁴ Em relação aos usos do passado do sertão, que eram operados na exposição do cangaço, podemos destacar algumas impressões. Por um lado, a curadoria da “estética do cangaço como expressão do irredentismo brasileiro” incorporou alguns consensos em torno do prolapado “mito das três raças”, embora a visibilidade do sertão colorido em destaque tenha confrontado estereótipo de terra cinzenta. Por outro lado, é perceptível que amorteceu debates sociais mais amplos que diziam respeito a outras dimensões do seu tempo, em pouco ou quase nenhum diálogo com memórias concorrentes que provocavam a pensar em demais questões de “sertanidades”.⁵⁵

Para adensar a discussão, destaco alguns cenários específicos, particularmente a partir do lugar do estado do Ceará nas redes suscitadas. É uma forma de discutir outros consensos e confrontos que, em dimensões muitas vezes alargadas, não são contempladas. No fim dos anos 1990, a seara cultural cearense vivenciava alguns climas de efervescência. Em tempo de ascensão da globalização, o dito Governo das Mudanças concedeu lugar de privilégio

⁵¹ ARAÚJO SÁ, Antônio F. *Entre Sertões e Representações...op. cit.*, 2020, p. 24.

⁵² Cf. VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Lugares de escuta e de acolhimento nas pesquisas sobre sertanidades. Sæculum – Revista de História*, p. 196–203, 2019.

⁵³ SANTOS, *op. cit.*, p. 450.

⁵⁴ Cf. SCHIAVINATTO, Iara L., *op. cit.*, p. 50, 51 e 69.

⁵⁵ A curadoria da exposição “A estética do cangaço” foi conduzida por Frederico Pernambucano de Mello. Considerando esse debate, é possível dizer que o modo como os objetos foram tratados destoou do que foi realizado, a saber, no módulo “Negro de Corpo e Alma” que, ao negar a “noção de luso-tropicalismo e de democracia racial”, introduziu a discussão do racismo, sendo explosivo com relação à questão das “etnicidades”. SCHIAVINATTO, Iara L., *ibidem*, p. 70.

à Secretaria de Cultura do Ceará (Secult-CE). Durante a gestão do secretário Paulo Linhares (1993-1998), o uso do domínio da “cultura como via de modernização foi mobilizado tanto para adquirir eficácia no desenvolvimento da economia do estado na economia-mundo quanto para angariar prestígio simbólico para a imagem do Ceará dentro e fora do país”.⁵⁶

Nesse quesito, a prática das efemérides foi mobilizada por vários motivos. As atividades comemorativas circulavam entre valoração de acontecimentos, de cidades, de personagens, de instituições, de atividades culturais etc. Algumas que marcaram o contexto cearense transparecendo na arena pública no fim do século XX foram, dentre outras, o centenário de Abolição da Escravidão (1988), o centenário do Milagre da Hóstia de Juazeiro do Norte (1989), a instituição do Dia da Cidade de Fortaleza (1994), o centenário de criação do Cinema (1995), o cinquentenário do fim da Segunda Guerra Mundial (1995), o sexagenário de criação da Secult-CE (1996), o centenário de nascimento do artista Mestre Noza (1997), o centenário da Guerra de Canudos (1997) e o centenário de nascimento do cangaceiro Lampião (1997).

Entre as diferentes áreas culturais, como artes cênicas, patrimônio histórico e artístico, música, artes visuais e audiovisual, algumas foram mais privilegiadas. A hierarquia dos investimentos estatais, que foi construída em detrimento de setores culturais relegados pelo governo por não se encaixarem no perfil dito modernizado, tinha no seu topo a área do audiovisual. Havia motivo pragmático. A área era qualificada como “moderna, geradora de emprego e renda, permitindo uma visibilidade eficiente aos seus promotores, pois seus produtos circulavam com maior facilidade pelo circuito mundializado da cultura e possuía maior valor de exposição”.⁵⁷ Na busca pela modernização, o interesse estratégico da Secult-CE em inserir-se na economia globalizada por meio do campo audiovisual fez com que alguns temas locais fossem valorizados. As maiores apostas cinematográficas foram dirigidas ao filme sobre os cangaceiros *Corisco e Dadá* (1996), de Rosemberg Cariry.

Essa situação foi, por sua vez, basilar para que usos políticos do passado do sertão tivessem tanto suporte. Destarte, a memória cangaceira fosse fortalecida na cena pública cearense. As comemorações instauradas, promovidas e incentivadas pela iniciativa pública e privada no interior e na capital cearense inflaram o calendário cívico. No período, diferentes instituições

⁵⁶ Cf. BARBALHO, Alexandre. **A modernização da cultura: políticas para o Audiovisual nos Governos Tasso Jereissati e Ciro Gomes (Ceará, 1987 - 1998)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.

⁵⁷ BARBALHO, *op. cit.*, p. 268.

interessadas no tema foram se articulando e formaram uma governança empreendedora da memória do cangaço. Era composta primordialmente por setores da Secult-CE, do jornal O Povo, da Universidade Federal do Ceará e da Fundação Memorial Padre Cícero. Mesmo que não tivessem um plano conjunto pré-definido, pois não integravam nenhum tipo de comissão comemorativa, essas instituições públicas e privadas produziram uma comemoração de certo modo institucional para o secular cangaceiro. A figura de um intelectual, Daniel Lins, presente em quase todas essas instituições, foi preponderante nas mediações de reavaliação desse passado em ambiente público, congregando muitos apoiadores e desafetos.

Nesse sentido, é instigante interpelar os significados do ator de comemorar, identificando choques de percepções entre programas comemorativos oficiais e/ou relegados. Em torno do assunto, a citada governança contou com suporte de jornal de impacto no estado que travou várias polêmicas com o seu maior concorrente. O jornal “O Povo”, na função de partícipe da governança que empreendia as comemorações, atuou mobilizando diversas iniciativas que buscavam frequentemente inculcar a ideia de que existia legado cultural do cangaço na região nordestina a ser valorizado. Já o jornal “Diário do Nordeste”, que ficou excluído dessas iniciativas em virtude de poucas articulações com essa governança específica, atuou elaborando impressões de tais atividades que costumavam apontar contradições de apropriações do polêmico fenômeno, afirmando serem artifícios usados para incentivar o consumo, o comércio e a venda.

Em meio às tramas da cultura histórica evidenciadas, em que os sentidos do passado são disputados, vemos demais mecanismos de atualizações do tempo. Nesse processo, é perspicaz compreender que “quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam”, com impacto na forma como ordenamos, estruturamos e transmitimos referências do passado.⁵⁸ Partindo disso, algumas situações demandam atenção em investigações históricas. A primeira diz respeito à *convergência da memória*, entendida como algo importante para que se consiga notar como diferentes sujeitos compartilham referências em comum sobre temas, embora isso não garanta comunhão de opiniões. A segunda trata da *divergência da memória*, observada como elemento em torno do qual podemos identificar como lugares sociais, profissionais e epistêmicos distintos incidem nas formas como cada um intervém politicamente. A terceira remete à (*con*)

⁵⁸ FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Ed. Teorema, 1992, p. 20.

fusão da memória, proposta como uma maneira de instigar a verificar que, dependendo da situação, os acordos e conflitos da memória podem dizer, em alguns casos, mais sobre os sujeitos que constroem seus significados do que o próprio significante que figura em destaque na discussão.

No debate público, a grande imprensa que costuma se colocar como principal força local trava inúmeras disputas que são válidas de observar, pois, mesmo quando informa sobre pautas caras aos seus projetos editoriais institucionais, em meio a distintas atividades comemorativas, a formação da opinião sobre tais assuntos dependerá de como quem escreve cotidianamente se insere nos embates da arena política.⁵⁹ Uma das partes do jornal em que podemos acompanhar tensões desse teor em narrativas é na coluna fixa assinada, devido ao lugar de privilégio que ocupa. Importante considerar que ela geralmente permite identificar a recorrência de uma ótica, a seleção de pautas com amplo interesse social e as formas como algumas vozes autorizadas usufruem de maior liberdade opinativa. Um embate entre um colunista filósofo-psicanalista e outro desembargador-jurista entre diferentes jornais, no calor de um momento comemorativo efusivo sobre Lampião, auxilia a perceber tais disposições. Observemos:

A imagem de Lampião atrapalha, desorganiza, embaralha os códigos! Louvamos mais facilmente os ‘heróis’ da alta classe, mesmo quando são denunciados pela história como matadores de escravos ou espoliadores dos bens públicos. Tradicionalmente, festejamos também os heróis estrangeiros, inclusive o ‘bandido social’ Robin Hood. E, um inglês contemporâneo, Ronald Biggs, assaltante do ‘Trem Pagador’, hoje cidadão brasileiro, é louvado pela televisão e mídia em geral. É triste a sina da elite brasileira: ela foi colonizada, inclusive no seu imaginário. (grifo nosso).⁶⁰ Na realidade, não somos contra os sociólogos que estudam a vida de Lampião com fins científicos. (...) Endeusá-lo jamais deveria ser permitido. Não sabemos como as nossas autoridades responsáveis pela segurança pública toleram o surgimento de estátua de Lampião em Serra Talhada. (...) Enquanto isto, o artigo 287 do Código Penal é taxativo: ‘fazer publicamente apologia de fato criminoso ou de autor de crime: pena - detenção, de 3 a 6 meses, ou multa’. (...) Já quiseram compará-lo com a figura lendária de Robin Hood, talvez porque o suposto ‘astro’ inglês

⁵⁹ REGINA DE LUCA, Tania. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 128.

⁶⁰ LINS, Daniel. *Declínio do imaginário colonizado*. **O Povo**, Fortaleza, 24 junho 1996. Opinião, p. 6A.

roubava dos ricos para dar aos pobres. No entanto, não tem e não pode haver comparação entre ambos, justamente porque Robin parece mesmo não ter existido, e Lampião roubava para si mesmo, e nunca para os pobres.⁶¹

Ao comemorar o aniversário de Lampião, não pretendemos uma volta ao passado. Queremos alertar para a permanência de um passado tornado presente que serve de metáfora para descrever a memória. (...) Decidir o que é importante e significativo no passado é fazer da biografia inacabada um todo. No caso de Lampião, depende de minha liberdade e de minha cultura aceitar ou alterar esse ‘todo’, mesmo porque, como pensava Sartre, a única força do passado vem do futuro. Produto, por excelência, da ‘Cultura do Pobre’, Lampião, guerreiro autóctone e juvenil, deixou a cena, mas continua vivo. O herói não morre! Não porque não queira morrer, mas porque o imaginário coletivo assim decidiu (...).⁶²

As narrativas são pulsantes. Em visão panorâmica, notamos como as convergências da memória ocorrem tanto porque os colunistas lidam com tema que é referencial para os dois enquanto nordestinos, quanto porque como intelectuais pactuam da necessidade de estudar a “vida de Lampião com fins científicos”. No particular, as divergências da memória ficam evidentes pelo modo como organizam, estruturam e transmitem suas posições, diante de tema sensível que “atrapalha, desorganiza e embaralha os códigos”, em função dos seus distintos lugares de intervenção na arena pública, fazendo com que o secular cangaceiro varie entre sujeito com “vida humanizada” e indivíduo “eliminador de vidas humanas”. A atenção às (con)fusões da memória impulsiona a perceber, portanto, como as imagens de quem “deixou a cena, mas continua vivo” diz respeito simultaneamente aos acontecimentos em pauta, aos seus vultos no presente e aos próprios sujeitos envolvidos nos discursos que mobilizam repertórios distintos ao versarem sobre o assunto.

⁶¹ AMORIM, Edgar Carlos. *Vamos esquecer Lampião. Diário do Nordeste*, Fortaleza, 13 de julho 1997. Opinião, p. 2.

⁶² LINS, Daniel. *Feliz aniversário, capitão Virgulino! O Povo*, Fortaleza 16 de junho 1996. Opinião, p. 6A. Posteriormente, em livro que compilava seus artigos de opinião, o intelectual alterou este título, renomeando da seguinte forma: “Para não esquecer Lampião”. Sobre outros rastros da trajetória deste intelectual que se envolveu em inúmeros embates públicos, fazendo conexões sinuosas entre história, cangaço e gênero, dentro e fora da imprensa, ver: RAMOS FILHO, Wagner S. “*Lampião mal-dito: o gênero em narrativas de um mito em disputa*”. GÓIS, Cecília; LIMA, Marília. (Org.). **Diversidade e Resistência: Coletânea Literária LGBT**. Fortaleza: Aliás - Selo Editorial, 2018, v. 1, p. 147-162.

Pensando no futuro do passado

Em função da necessidade de ampliar debate sobre a multiplicidade de interesses pela memória na contemporaneidade, o texto foi elaborado para tentar evidenciar como a metáfora da comemoração como máquina de atualizar o tempo permite observar uma diversidade de mecanismos para lidar com passados na sociedade. Daí emergiram algumas notas sugestivas sobre como abordá-los. Nessa perspectiva, a discussão do uso político do passado, com toda sua relevância para a história do tempo presente, instiga a percepção de que “o conhecimento e as representações do passado são inseparáveis de suas circunstâncias políticas e sociais”.⁶³ Com essa investigação sobre usos do passado do sertão, vemos como a seara das experiências que se fazem em torno da temática congrega temporalidades distintas. Assim, lidamos com diferentes durações temporais, em que ritmos, sensações e variações são de permanência, ruptura e/ou suscitam demais reivindicações.

Diante das muitas variações, determinados mecanismos que são impostos por flagrantes imperativos políticos figuraram de modo diversificado. Inicialmente, destacamos mecanismos interligados a eventos, marcos e desconstruções da memória que operam lembrança e esquecimento fincados em demandas do presente. No meio da reflexão, aprofundamos observação nos mecanismos relacionados ao patrimônio cultural, com seus traços de reivindicação, dissonância e contestação, indicando distintas experiências com o tempo. Depois, percebemos como mecanismos que se situam entre convergências, divergências e (con)fusões da memória auxiliam a ver tais contendas de modo mais integrado. A proposição importa, pois, distante de ser uma prescrição, trata-se muito mais de organização de recursos heurísticos para que demais questões possam ser pautadas, em debates que se conectam a tantos outros preocupados em refletir sobre como o futuro do passado é algo permanentemente em construção.

A análise desses usos políticos do passado do sertão no mundo contemporâneo ocorreu de modo sistemático atentando-se a três escalas de observação entre espacialidades e temporalidades em pauta no debate público que se entrecruzam no decorrer da escrita. Como foi perceptível, há uma mais abstrata, em que reparamos situações em escalas ampliadas, sobretudo com jornais que se pretendem nacionais. Tivemos igualmente uma outra mais

⁶³ PASAMAR, Gonzalo. *El “uso público de la historia”, un dominio entre la urgencia y el desconcierto*. In: FORCADELL, C. et. al. (orgs.). **Usos públicos de la Historia y política de la memoria**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004, p. 215.

contextualizada, em que notamos melhor escalas regionais, percebemos como alguns jornais se inserem nessas disputas e atuam sobre tais searas. Além disso, houve uma última mais encarnada, em que investigamos experiências com escalas mais reduzidas, mobilizando para tanto jornais que se colocam como principais forças locais. Tais recursos foram importantes porque permitiram perceber a coexistências de múltiplas culturas históricas em uma sociedade.

O estudo de um tema sensível paradigmático do sertão nordestino brasileiro como é o passado do cangaço, retramado entre fronteiras de identidades permeáveis que se refazem entre dinâmicas locais, nacionais e globais, foi interpelado nessas diferentes escalas. Nesse itinerário, em que comemorações a Lampião ocorriam, o cangaceiro foi manipulado de diferentes formas, aceso e apagado em função de diferentes experiências e expectativas, fazendo com que sua imagem fosse reinventada a cada uso do passado, devido a cada demanda do presente, conforme cada vislumbre de futuro. Como os jogos da memória observados indicam valores dos indivíduos que acionam suas engrenagens, as considerações são fundamentais para escrevermos não somente a história dos que lidam com o tema, mas também de como o fenômeno foi visto, escrito e reescrito entre as múltiplas facetas que deixou em cena.

Nessa guinada, o esforço mostra como muitas referências ao passado são vitais em debates políticos, sociais e culturais. Depois de abordar tema marcadamente dissonante, há um elemento que merece ser destacado quando se lida sobretudo com retomadas de memórias que por muito tempo foram silenciadas publicamente. É certo que “trazê-las à luz deve também implicar em não sacralizar a sua presença, pois uma história ‘dos vencidos’ não pode ser a construção de novas mitologias, mas a produção de um direito ao passado que se faz com crítica e subversão constante das versões instituídas”.⁶⁴ De igual modo, é prudente situar que uma parte significativa dos dilemas ocorre não só em razão de disputas de versões históricas do que se passou, mas sobre o que se fazer com o passado no presente, levando-nos à discussão para um campo mais ampliado das diferentes concepções de tempo em cena.⁶⁵

No final das contas, talvez não seja tão arriscado dizer que o recurso à metáfora da máquina de atualizar o tempo também teria algum potencial de ser uma forma de atentar para entrelaçamentos de mecanismos que demandam maior atenção no debate especializado. Como os tempos de

⁶⁴ PAOLI, Maria C. In: SÃO PAULO (cidade). *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p. 27.

⁶⁵ Cf. BEVERNAGE, Berber. *História, Memória e Violência de Estado*. Vitória: Milfontes, 2018.

comemorações são caracterizados pela coexistência de experiências temporais diversas, penso que muitos recursos que foram mobilizados tenham valor heurístico para demais tipos de investigação, relacionadas ou não às efemérides. Afinal, a questão das atualizações do tempo, independente do tema elencado e/ou do modo que é abordada, tem sido primordial para a formação de uma agenda historiográfica que tem ciência de que o passado, antes de ser objeto da história, advém do “drama das lutas humanas de onde surgiram”.⁶⁶ Um atributo da pesquisa histórica valioso diante de tempos saturados de memória como são os que temos vivido.

Referências

AGUILAR, Nelson. (org.). **Mostra Redescobrimento: Arte Popular**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

ALBUQUERQUE Jr., Durval M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Distante e/ou do instante: sertões contemporâneos, as antinomias de um enunciado*. In: FREIRE, Alberto (org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: Edufba, 2014, p. 41-59.

ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. **Atualismo: como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Vitória: Milfontes; Mariana: SBTHH 2019.

ARAÚJO SÁ, Antônio F. **O Cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2011.

_____.; RAMOS FILHO, Vagner S. (Org.) *Dossiê 80 anos da morte de Lampião: releituras do cangaço*. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 12, n. 22, 2018.

_____. **Entre Sertões e Representações**. São Paulo: Liberars, 2020.

AVILA, A.; NICOLAZZI, F.; TURIN, R. (Org.). **A História (in)Disciplinada**. Vitória: Milfontes, 2019.

AVILA, Arthur. **A História no labirinto do presente**. Vitória: Ed. Milfontes, 2021.

⁶⁶ A recuperação desta observação de Manoel L. Salgado Guimarães é realizada em: AVILA, A.; NICOLAZZI, F.; TURIN, R. (Org.). **A História (in)Disciplinada**. Vitória: Milfontes, 2019, p. 27.

BARBALHO, Alexandre. **A modernização da cultura:** políticas para o Audiovisual nos Governos Tasso Jereissati e Ciro Gomes (Ceará, 1987 - 1998). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.

BAUER, Caroline S.; NICOLAZZI, Fernando F. *O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea*. **Varia Historia**, v. 32, p. 807-835, 2016.

BEVERNAGE, Berber. **Caminhos para a Teoria da História:** filosofia das historicidades e a questão da justiça histórica. Vitória: Milfontes, 2020.

_____. **História, Memória e Violência de Estado**. Vitória: Milfontes, 2018.

CANDAU, Jöel. *Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade*. In: **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, p. 43-58, 2009.

_____. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (Org.). **Dicionário temático de Patrimônio:** debates contemporâneos. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CLEMENTE, Marcos Edilson de. **Lampiões acesos:** o cangaço na memória coletiva. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento:** um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FARIA CRUZ, Heloisa de & CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. In: **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Ed. Teorema, 1992.

FRANCO, Marina; LEVÍN, Florencio. (Org.) **Historia reciente:** perspectivas y desafíos para un campo en construcción. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007.

GONÇALVES, Janice. *Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural*. **Historiae**, Rio Grande, v.3, n.3, p. 27-46, 2012.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. In: ABREU, Marta. SOHIET, Raquel; GONTIJO, Rebeca. **Cultura política e leituras do passado**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, p. 23-41.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. **Varia Historia**, v. 22, p. 261-273, 2006.

_____. **Regimes de historicidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARVEY, David. *Do administrativismo ao empreendedorismo*. In: _____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 163-190.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. 1a ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI Editores, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

MUDROVIC, María Inés. *Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos?* **Artcultura**, v. 20, n. 36, p. 7-14, 2018.

NOGUEIRA, A. Gilberto R. *O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação*. **Antíteses**, v.7, n.14, Londrina, p. 45-67, 2014

_____; RAMOS FILHO, Vagner S. *Patrimônio e Cultura Popular*. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (Org.). **Dicionário temático de Patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020, p. 177-180.

NORA, Pierre. *L'ère de la commémoration*. In: _____. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1992. v.3: *Les France*.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

OZOUF, Mona. *A festa Sob a Revolução Francesa*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 216-233.

PAOLI, Maria C. In: SÃO PAULO (cidade). **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

PASAMAR, Gonzalo. *El “uso público de la historia”, un dominio entre la urgencia y el desconcierto*. In: FORCADELL, C. et. All. (orgs.). **Usos públicos de la Historia y política de la memoria**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004, p. 15-32.

PEREIRA, Matheus H. F.; MATA, Sérgio da. *Introdução: transformações da experiência do tempo*. In: VARELLA, Flávia F. (org.). [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 9-31.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A peleja do tempo nas memórias do Caldeirão*. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 18, n. 21, p. 111-146, 2005.

RAMOS FILHO, Vagner S. “**Século Virgulino**”: o cangaço nas (con)fusões da memória entre comemorações de Lampião no tempo presente. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

_____. “*Lampião mal-dito: o gênero em narrativas de um mito em disputa*”. GÓIS, Cecília; LIMA, Marília. (Org.). **Diversidade e Resistência: Coletânea Literária LGBT**. Fortaleza: Aliás - Selo Editorial, 2018, v. 1, p. 147-162.

_____. *Imagens de um passado sensível: formas de memória do cangaço em arquivos públicos, pessoais e digitais*. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 27, p. 306-328, 2020.

REGINA DE LUCA, Tania. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-155.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. ‘*Rememoração*’ / ‘*Comemoração*’: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, nº 44, p. 425-438, 2002.

ROSENTAL, Paul-André. *Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’*. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.

SÁ, Maria Elisa Noronha. *O sertão: território da imaginação social do Brasil*. BOTELHO, André; STARLING, Heloisa. **República e Democracia: impasses do Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 2017, p. 299-316.

SANTOS, Evandro. *Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias*. **Sæculum**, p. 441-452, 2019.

SANTOS, Pedro Afonso C.; NICODEMO, Thiago; PEREIRA, Matheus Henrique. *Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 60, p. 161-186, 2017.

SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Entre celebrações e exposições: algumas visibilidades em jogo nos Descobrimentos (1990-2000)*. **Práticas da História**, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past, n.º 8, p. 49-83, 2019.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa: edições Unipop, 2012.

VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Lugares de escuta e de acolhimento nas pesquisas sobre sertanidades*. **Saeculum**, p. 196-203, 2019.

WIESEBRON, Marianne L. *Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre o banditismo a nível nacional e internacional*. In: **Ciência & Trópico**, Recife, vol. 24, n. 2, p. 417-444, 1996.

WINTER, Jay. *A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.

Artigo recebido para publicação em 01/02/2022

Artigo aprovado para publicação em 20/05/2022